



OS ATORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A PERSONALIDADE ÉTICA¹

Actors of the solidarity economy: a study of
the ethical personality

Los actores de la economía solidaria:
un estudio sobre la personalidad ética

Thelma Pontes Borges (UFT)*
Maria Thereza Costa Coelho Souza (USP)**

*Professora de Psicologia do Colegiado de Gestão de Cooperativas, Campus Araguaína na Universidade Federal do Tocantins – UFT. Doutoranda em Psicologia pela USP, Mestre em Educação pela Unicamp e Psicóloga pela UNESP/ASSIS. E-mail: thelb@terra.com.br.

**Professora Livre Docente do Curso de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo – USP. E-mail: mtdesouza@usp.br.

RESUMO

A economia solidária é pautada pela solidariedade nas relações de produção, elaboração e comercialização, portanto seus participantes precisam desenvolver a cooperação, o respeito e a generosidade a fim de garantir os princípios defendidos por ela. Dessa forma, nossa pesquisa tem por objetivo averiguar as representações de

si dos atores da economia solidária e verificar se possuem valores morais que nos permitam inferir uma personalidade ética. Para tanto, foram realizadas dez entrevistas semi-dirigidas, gravadas e transcritas, com participantes da economia solidária na cidade de Araguaína/TO. Os resultados apontam para dois grupos distintos: o primeiro, classificado como personalidade ética, em que aparecem elementos que nos permitem dizer de

uma trajetória de vida, de escolhas e de projeção de futuro ético; o segundo, chamado de necessidades absolutas, em que as necessidades básicas de manutenção da vida se fazem presentes e prioritárias, não aparecendo referência a si ou aos demais de forma valorativa. Concluímos que o estudo permite identificar características morais importantes dos atores da economia solidária contribuindo para as adequações nos projetos de educação cooperativistas e de fomento a economia solidária, além de colaborar com as pesquisas na área de Psicologia Moral.

Palavras – chave: Personalidade ética. Economia solidária. Moral.

ABSTRACT

The solidary economy is guided by solidarity in production relations, elaboration and commercialization, therefore, its participants need to develop the cooperation, the respect and the generosity in order to guarantee the principles advocated by the solidary economy. Thereby, our research aims to investigate the representations that the solidary economy's actors have of themselves and ascertain if they have moral values that allow us to infer a personality ethic. Hence, we conducted ten semi-structured interviews, recorded and transcribed with the solidary economy's participants in the city of Araguaína/TO. The results indicate two distinct groups: the first one, classified as personality ethic, in which appears some elements that allow us to infer a life's trajectory of choices and a forecast of ethical future; the second one, classified as absolute necessities, in which the basic needs of life support are present and priority, not demonstrating references to themselves or others in a valuative way. We conclude that the study identifies important moral characteristics about the solidary economy's actors, contributing to adjustments in the projects of cooperative education and of foment to the solidary economy, in addition the study also collaborates with researches in the field of Moral Psychology.

Keywords: Ethical Personality. Solidary Economy. Moral.

RESUMEN

La economía solidaria es guiada por la solidaridad en las relaciones de producción, transformación y comercialización, por lo que los participantes deben desarrollar la cooperación, el respeto y la generosidad con el fin de garantizar los principios propugnados por ella. Por lo tanto, nuestra investigación tiene como objetivo investigar las representaciones de otros actores de la economía solidaria y ver si tienen valores morales que nos permiten inferir una personalidad ética. Por lo tanto, hubo diez entrevistas semiestructuradas, grabadas y transcritas, con los participantes de la economía solidaria en la ciudad de Araguaína / TO. Los resultados apuntan a dos grupos distintos: los primeros clasificados de la personalidad, como ética, aparecen los elementos que nos permiten contar una historia de vida, opciones y proyección futura ética; el segundo, llamado las necesidades absolutas, en el que las necesidades básicas de mantenimiento de la vida están presentes y prioridad, que no aparece referencia a sí mismos o a otros de manera evaluativa. Llegamos a la conclusión de que el estudio identifica importantes características morales de los actores de la economía solidaria que contribuye a los ajustes en los proyectos de cooperación educativa y promover la economía social, además de apoyar la investigación en el área de la psicología moral.

Palabras-clave: Personalidad Ética. Economía Solidaria. Moral.

1. A PERSONALIDADE ÉTICA: UMA INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso trabalho discutindo a necessidade de se pensar a Psicologia Moral como parte da Psicologia da Personalidade, uma vez que o sujeito ético só o é se valores morais forem

incorporados ao seu eu e a sua personalidade. Em outras palavras, não podemos centrar nossos estudos somente em comportamentos morais, sejam eles da ordem dos deveres ou das virtudes, isoladamente, precisamos pensar num todo em que o ser ético seja visto como parte do sujeito, e isso, somente será possível, se aspectos morais e éticos participarem da formação da personalidade e do eu da pessoa.

A moral pode e precisa ser entendida no domínio da personalidade, justamente porque essa última explica as diferenças de comportamentos humanos e mesmo como são integradas ou não as disposições para a moral (TOGNETTA, 2009, p.51).

Essa autora, baseada em Piaget, nos diz que o valor de si, o valor do outro e o valor moral irão se articular justamente na personalidade, e que esta, por sua vez se processa desde o início da vida, tanto nos aspectos intelectivos quanto afetivos intra e inter-individuais, permitindo uma compreensão da formação da identidade dos sujeitos bem como das representações que estabelece de si mesmo.

Apesar de Piaget (1932/1994, 1954/1994) não ter proposto uma teoria da personalidade, muito menos o estudo de uma personalidade ética, apresentou três sistemas que compõem a formação da personalidade humana de maneira articulada e correspondente. Seus estudos sobre a gênese da inteligência, da afetividade e da moralidade, nos permitem visualizar um sujeito psicológico mais completo. Pensemos, nenhum outro teórico conseguiu fazer isso. A formação da consciência pela capacidade de descentração, da afetividade a partir da escala de valores regulada pela força de vontade e a moralidade oferecendo ordem a tudo isso, nos permite vislumbrar a formação de uma personalidade com ‘quase’ todas as suas facetas.

Para dar conta das discussões acerca da personalidade ética, temos que recorrer a uma distinção importante proposta por La Taille (2006,

2010) acerca de moral e ética. La Taille relaciona a moral ao domínio dos deveres e a ética a dimensão da ‘boa vida’, ou seja, da vida com sentido de viver. A moral assim se encontra no campo da obrigatoriedade, do dever que deriva do bem para não se reduzir ao simples cumprimento de deveres. La Taille (2006) nos auxilia na ampliação da compreensão quando diz que o “como agir” está diretamente relacionado ao “como quero viver”.

Para nós, portanto, falar em moral é falar em deveres, e falar em ética é falar em busca de uma “vida boa”, ou se quiserem, de uma vida que “vale a pena ser vivida”(…) mostrando que o papel da dimensão afetiva da ação moral tem suas raízes nas opções éticas dos indivíduos (LA TAILLE, 2006, p.30).

Mais que compreender os deveres o que esse autor propõe é que há a necessidade de verificarmos a posição ética dos sujeitos se quisermos compreender suas ações morais. Por conta disso, questões como: quem eu sou? O que quero da vida? O que espero do futuro? Tornam-se mais importantes do ponto de vista da formação da personalidade, pois demarcam a posição do sujeito frente à vida e a sua escala de valores. Responder tais questões define que “vida vale a pena ser vivida” e é a partir desse lugar que se extraem as regras e deveres a serem seguidos. A ética refere-se a princípios que devemos seguir, os deveres derivam dela. Assim a moral é fruto da ética.

Temos a ideia de que a perspectiva ética de alguém está diretamente relacionada ao plano ético pela ‘expansão de si mesmo’. Essa expansão necessariamente acontece quando se atribui valor a si próprio, porém esse valor somente auxiliará no plano ético se ele trouxer aspectos morais.

O conceito “representações de si” é tomado por La Taille (2006) emprestado de Perron e apresenta três características essenciais. A primeira, diz da ordem simbólica, somente é possível pensar a si mesmo por ordem de imagens e símbolos; a segunda, na qual as representações de si passam necessariamente pela assimilação

cognitiva, que criam representações diversas, e possivelmente até conflitantes de si mesmo. As interpretações sobre si formam um sistema que é hierarquizado pelos aspectos afetivos. A terceira, talvez a característica fundamental, seja que as representações de si são um valor.

Piaget (1953-54/1994) define valor como investimento afetivo, assim as representações de si, tem valor afetivo, que pode ser ou não positivo. Segundo La Taille (2001), um valor pode ser moral, dependendo da posição ética do sujeito. Quando os valores morais são associados a si, temos uma personalidade ética, dessa forma virtudes como a generosidade, pode compor o si do sujeito em questão. O seu inverso também se faz presente, quando nas representações de si não há a presença de valores morais, esses não se integram a personalidade. Para termos uma personalidade ética precisamos que

as representações de si são sempre valorativas, ou seja, são projeções de sentimentos que o sujeito tem por si, no contato com o outro e que, por conseguinte permitirá que os valores possam ser centrais, ou não em sua identidade (TOGNETTA, 2009, p. 91-92).

Temos então que considerar alguns aspectos importantes da representação de si: 1) as representações de si são marcadas pelo olhar de si mesmo e pelo olhar do outro, já que a forma como nos vemos está impregnada pelas relações interpessoais; 2) o valor é um demarcador importante das representações de si; 3) o valor moral compõe uma personalidade ética; 4) a conservação de valores a partir dos sentimentos ideais que valoriza a coletividade permite vislumbrar a personalidade ética (LA TAILLE, 2006).

Ao falar de representações de si, estamos abordando o tema da identidade e da formação do self, dessa forma, não podemos deixar de citar Taylor (2011a, 2011b) que considera que a

identidade moderna se forma nos espaços de convívio, sendo as ações marcadas por valores

(...) os homens não agem simplesmente pelo caráter neutro da universalidade das leis, mas por valores que os motivam a realizar-se como um modo possível de ser humano no espaço da convivência sociopolítico-cultural, onde as diferenças, nas formas da ação moral, tornam-se visíveis (ARAUJO, 2004, p.13).

A tese central de Taylor é que as ações não são resultados da racionalidade, mas sim de sentimentos morais significativos, que se almejam realizarem sob a forma de bem no espaço público.

Já havíamos apresentado aspectos necessários ao desenvolvimento de uma personalidade ética, daremos sequência a partir daquilo que La Taille (2006) qualificou como sendo duas fases do desenvolvimento afetivo da moral. O primeiro deles, o despertar do senso moral refere-se justamente àquele momento em que os sentimentos de medo e respeito, entre outros, introduz a criança no universo moral. O segundo, referente à personalidade ética é aquela em que as primeiras noções morais foram introduzidas na personalidade e em que os planos da moral e da ética se articularam.

A união entre juízo e ação moral e a integração entre o plano ético e moral, nos permitem dizer que a vergonha se qualifica como essencial. É impossível pensar em alguém cujos valores morais se tornaram centrais em suas representações e que não sinta vergonha de burlá-las. Sentir vergonha é a prova da capacidade moral do sujeito. A vergonha é um sentimento moral que nos auxilia a pensar a personalidade ética (LA TAILLE, 2002).

A personalidade ética nos permite ir além das discussões morais sobre justiça e dizer que a busca humana é pelo 'sentido da vida' e que esse é dado pela busca da felicidade. Assim uma vida em que a generosidade participa das representações de si, colabora para a boa imagem moral de

si mesmo e auxilia na construção da “boa vida”.

1.1. Economia solidária

A economia solidária é marcada por um conjunto de atividades econômicas que se diferenciam pelo respeito ao próximo no que tange as formas de produção, de respeito ao ambiente, de preço justo, distribuição, entre outros, envolvendo fatores como propriedade coletiva dos bens e/ou da mão de obra, participação democrática nos rumos da organização e distribuição igualitária de renda. Temos como um dos princípios básicos e importantes da economia solidária a autogestão, que é marcada por processos coletivos e democráticos de decisão, que permite que todos os participantes tenham voz e voto em assembleias coletivas de decisões (BRASIL - SENAES, 2004; SINGER, 2002).

Os pressupostos da economia solidária nos permitem pensar que não é somente a economia que é solidária, mas que seus participantes precisam desenvolver uma série de características pessoais de participação social e desenvolver uma nova cultura que envolva os aspectos relativos à solidariedade humana e respeito ao próximo. A economia solidária funciona por associações ou cooperativas que preveem participação equitativa e democrática, ou seja, seus membros devem exercer o pleno papel participativo no debate, cooperando com as ideias e construindo coletivamente o ambiente social e de trabalho. Ela também é marcada pelo bem comum, o que garante que os processos decisórios gerem aquilo que atenda a todos da melhor forma possível.

Os integrantes dessa forma alternativa de economia

[...] tem como valores fundamentais adesão voluntária e esclarecida dos membros, participação democrática em processos decisórios, autogestão, cooperação, intercooperação, promoção do desenvolvimento humano, preocupação com a natureza,

preocupação com a comunidade, produção e consumos éticos, solidariedade” (CORTEGOSO, CIA & LUCAS, 2008, p.28).

Assim a economia solidária garante o bem viver se distanciando da lógica capitalista de produção e consumo, gerando trabalho e renda à setores excluídos socialmente, participando da construção de uma cultura solidária com valores fundamentais.

A autogestão é um conceito importante que se inter-relaciona diretamente com a economia solidária. Cançado (2004) define a autogestão como

um modo de produção de organização de trabalho, onde não há separação entre concepção e execução do trabalho e os meios de produção são coletivos, sendo caracterizados como um processo de educação em constante construção na organização (CANÇADO, 2004, p. 58).

A autogestão delimita a economia solidária e é ela que define o tipo de gestão que os empreendimentos terão. Alicerçada na proposição de participação plena dos membros do empreendimento, a autogestão tem que garantir para seu funcionamento algumas características (Svartman, Esteves, Barbosa e Schmidt 2008). A primeira delas é a necessidade de se instalar plenamente espaços de falas e negociações, que permitam a participação igualitária, apoiada no fato de que não existem hierarquias legitimadas, uma vez que empreendimentos econômicos solidários são bens coletivos, o que permite a implicação de todos nos processos decisórios. Singer (2002) escreve:

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos

praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura. É para isso que vale a pena se empenhar na economia solidária (SINGER, 2002, p. 21).

O envolvimento com uma forma diferenciada de economia propicia ao ser humano a possibilidade de desenvolver características pessoais para se inserir em uma nova cultura que respeita e valoriza a coletividade. Oliveira (2006) em seus estudos demonstrou que nos empreendimentos solidários, marcados pela autogestão, surge uma cultura diferenciada, que é a da solidariedade. Lisboa (2010) escreve:

A novidade, a força e o diferencial da economia solidária gravita na ideia da SOLIDARIEDADE. Na economia solidária o elemento solidariedade não é um mero adjetivo: é central, reformata a lógica e o metabolismo econômico. A economia solidária incorpora a solidariedade no centro da atividade econômica (LISBOA, 2010, p. 3).

Pensemos, pelo exposto, que tanto os conceitos de economia solidária como as discussões acerca da psicologia moral demonstram que seus princípios, apesar de objetivos diferentes, visam a formação humana, a ética nas relações e o desenvolvimento individual, social e comunitário. A economia solidária possibilita a inserção política, social e econômica de seus participantes, pois garantem a politicidade, o que Demo (2006, p.24) define como sendo a razão mais humana das humanas, pois permite a conquista da autonomia e do próprio destino, “politicidade

descortina horizontes sociais”.

Os aspectos exigidos pela economia solidária pedem que seus participantes tenham características morais, afetivas e cognitivas, tais como reciprocidade, cooperação, respeito mútuo, descentração e ‘pequenas’ virtudes como a generosidade e humildade, que tenham desenvolvido uma personalidade ética. Talvez a própria participação nesses empreendimentos, possibilite tal desenvolvimento, uma vez que pesquisas demonstram que ambientes cooperativos favorecem o florescer moral e de virtudes específicas (TOGNETTA, 2003, 2009; VINHA, 2009). Vinha (2009) escreve que para o fortalecimento da moralidade são necessárias experiências de vida social, pois nelas precisam-se discutir problemas e compreender as regras como algo estabelecido para o bem comum e para a melhor convivência de todos. O que esses espaços coletivos gerados pela autogestão fazem a não ser propiciar justamente essas vivências?

Muitos vão considerar utópicas as possibilidades de alterações sociais, contudo muitos trabalhos vêm aparecendo no Brasil, como os apresentados nos diversos encontros de pesquisadores das áreas de Cooperativismo, Gestão Social e Economia solidária. Nascimento (2007:45) diz que “[...]a utopia é a antecipação imaginária de um objetivo[...]”, assim considerar utópicas as propostas da economia solidária ou mesmo do desenvolvimento de virtudes e da constituição de uma personalidade ética é o mesmo que dar o ponta-pé inicial ao processo de realizações possíveis; é colaborar com o horizonte da realidade. “Se desistirmos das utopias, contentamo-nos com o pouco que temos. Assim, precisamos das utopias para nunca parar de questionar e buscar coisa melhor” (DEMO, 2006, p.29).

Optamos por estudar os atores da economia solidária a fim de verificar se eles possuem características morais favorecedoras de suas práticas. Assim, nosso objetivo é averiguar quais

são as representações de si dos atores da economia solidária e verificar se possuem valores morais que nos permitam dizer de uma personalidade ética.

2. OS CAMINHOS DA PESQUISA - METODOLOGIA

2.1. O caminho – método

Optamos por uma entrevista, com roteiro pré-estabelecido, a fim de verificar como os participantes da economia solidária percebem seu entorno e a si mesmo, com ênfase na valoração. As entrevistas foram elaboradas com base no método clínico e segundo Queiroz e Lima (2010) as pesquisas sobre moral podem se valer desse método uma vez que é uma conversa aberta com o participante, tendo um assunto como fio condutor, e o entrevistador intervindo sistematicamente a fim de esclarecer pontos, oferece informações significativas sobre o tema abordado.

Em nossa pesquisa foi elaborada uma entrevista semi-estruturada com oito questões. As três primeiras questões da entrevista permitem verificar como ocorreu a entrada do participante nos empreendimentos solidários, porque permanece e como são suas relações dentro do grupo. As questões quatro e cinco verificam o conhecimento dos participantes sobre os princípios da economia solidária e a adesão desses às ideias; as questões seguintes analisam em que lugar se encontra o outro e os valores éticos em sua percepção de vida.

2.2 Dos atores da economia solidária – participantes da pesquisa

A seleção dos participantes² ocorreu por via de um intermediador que nos apresentou a algumas pessoas que trabalham com economia solidária na cidade de Araguaína/TO. Dessa forma, foram selecionadas dez pessoas que concordaram em ser entrevistadas, sendo dois de uma cooperativa, um de uma ONG, um de uma

associação e cinco de uma horta comunitária. As entrevistas foram autorizadas, gravadas em mídia digital e transcritas para análise.

3. RESULTADOS

Para análise das entrevistas foram constituídas categorias a partir do aparecimento de temáticas em comum nas falas. A construção das categorias nos conduziu a percepção de uma dicotomia nas entrevistas permitindo que criássemos dois grupos de análises que evidenciassem essas diferenças.

Assim ao primeiro grupo, caracterizado como Personalidade Ética, encontramos as seguintes categorias de análise: 1) Fatores familiares e de origem de vivências comunitárias; 2) Escolhas solidárias; 3) Princípios solidários e sua incorporação a valores pessoais; 4) Relações Cooperativas; 5) Futuro ético. Qualificamos essas categorias como personalidade ética por elas apresentarem características que remontam à noção de reciprocidade, respeito ao outro, um futuro promissor que inclua nos planos a própria pessoa e as demais, o cuidado com o ambiente, além de aparecer em suas falas uma lógica de ação que nos permite dizer da incorporação de princípios éticos e morais na personalidade. Nesse grupo encontramos três dos entrevistados.

No segundo grupo, qualificado como participantes do que chamamos de Necessidades Absolutas³, temos as seguintes categorias: 1) Fatores que derivam do outro e das necessidades básicas; 2) Escolhas Necessárias ou única escolha; 3) Ausência de princípios solidários e de sua incorporação aos valores pessoais; 4) Relações Individuais; 5) Futuro incerto. Qualificamos esse grupo por necessidades absolutas, por serem pessoas fragilizadas socialmente, economicamente e emocionalmente, fazendo com que sua personalidade seja tomada por essas características.

Segue no quadro 1 a apresentação das categorias e suas definições:

Quadro 1: Definição das categorias por tipos de personalidade

PERSONALIDADE ÉTICA	NECESSIDADES ABSOLUTAS
Fatores familiares e de origem de vivências comunitárias	Fatores que derivam do outro e das necessidades básicas
Escolhas solidárias	Escolhas necessárias ou única escolha
Princípios solidários e sua incorporação a valores pessoais	Ausência de princípios solidários e de sua incorporação aos valores pessoais
Relações cooperativas	Relações individuais
Futuro ético	Futuro incerto

Fonte: Elaborado a partir de resultados de pesquisa

Para facilitar a visualização dos resultados apresentamos um quadro com as categorias construídas, sua breve descrição e trechos de falas dos entrevistados. As categorias de número 1 referem-se ao grupo personalidade ética e a de número 2, ao grupo necessidades absolutas:

Quadro 2 – Apresentação, descrição e exemplos das categorias de análise:

Categorias construídas	Descrição	Exemplo de falas que aparecem ¹
1 – Fatores familiares e de origem de vivências comunitárias	Importância familiar e das vivências nas próprias comunidades como algo que marca a busca por uma lógica econômica alternativa e de respeito maior ao ser humano.	“Então isso vem de família, meu pai é sindicalista desde 18 anos, ele tem 60 anos, então quando eu comecei já desde minha adolescência já foi participando de reuniões do sindicato pra ajudar a fazer ata relatório(...)” “Essas de organização, de que as pessoas só conseguiam ter força se fossem juntas pra conseguir alguma coisa, as pessoas que são mais pobres, principalmente do campo que falta tantas coisas teriam que se unir. Então isso eu fui ouvindo desde muito cedo (...)” (Valquiria)
2 – Fatores que derivam do outro e das necessidades básicas	A entrada no empreendimento ocorre porque alguém ofereceu ou por necessidades emocionais e/ou financeiras.	“O nosso trabalho começou através desse projeto aqui dessa casa, porque como nós é... participamos da pastoral da criança, aí venho o padre da Itália aí ofertou uma ajuda pra nossa comunidade, aí a irmã veio e perguntou: vocês aceitam essa casa no setor ou não? aí como a irmã viu nosso esforço, nossa boa vontade de se doar voluntariamente para a comunidade ela disse: não meninas eu vou caçar meio de dá uma geração de renda pra vocês, porque vocês precisa e a pastoral não tem como pagar pra vocês. (Meire)
1 – Escolhas	Derivam das escolhas	“O emprego se for olhar pelo ponto de

solidárias	pessoais ou profissionais que valorizam as relações interpessoais e a preocupação com outros seres humanos.	vista econômico não compensava pra mim, não compensa assim da ótica capitalista, eu tenho uma profissão que eu posso abrir um escritório aqui em Araguaína e ganhar dinheiro mais do que eu ganho. Mas assim o que me fez continuar é porque eu acredito muito na formação das pessoas, é por isso que eu também nessa atuação na sala de aula(...)gosto de trocar ideias com vocês, e espero que vocês saiam daqui com uma outra mentalidade, uma mentalidade um pouco diferente do que vocês chegaram aqui, e é com essa fé , com essa crença que eu continuo ate hoje de poder atuar com pessoas, com grupos.” (Dorival)
2 – Escolhas necessárias ou única escolha	Não existe escolha nos afazeres da vida. Participar das atividades é consequência das contingências. Ainda assim é uma escolha, pois há a possibilidade de nada fazer.	Lá chega muita gente pra comprar. Lá a pessoa vai lá comprar (...) sabe a pessoa vai leva o dinheiro trocado, a gente já pega bota no bolso. Ai já falta o sabonete em casa, a gente já compra, já passa ali na venda e compra, já leva um açucar, um café. Eu mermo, tem dia quando eu tenho coisa lá pra vender, eu passo aqui, num tem nenhum açucar, nenhum café aqui em casa. Vou pra lá, quando eu chego menina, oh eu compro café, compro o açucar, um sabonete, um Bombril. Posso num dar pra comprar o pacote né, mais da pra comprar uma bucha, duas. (Maria)

I Princípios solidários e sua incorporação a valores pessoais	Verificação se os valores da economia solidária foram incorporados aos valores pessoais.	“Então eu acredito muito nessa questão da agroecologia que a gente tem que trabalhar ai eu falo que a partir dessa visão de trabalho, da economia solidária, das relações com as pessoas, de que nós, a gente tem um dever muito grande com as comunidades, e ai pra mim eu tenho um compromisso muito grande e eu acho que um compromisso de obrigação, não só um compromisso assim, ah eu me comprometo, mas eu acho que uma carga de obrigação com a comunidade pela formação que eu tive, por tudo que eu passei, pelas pessoas que investiram que acreditaram, e que eu preciso dá um retorno de qualquer uma forma, mesmo que seja pequeno, mais eu preciso dar um retorno, então por isso que eu sempre tenho essa coisa do comprometimento. Comprometimento com todas as pessoas do campo, principalmente na área onde a gente atua e de que todas as comunidades ela é possível de se desenvolver e que nós que temos um pouco de formação técnica, a gente tem que saber trabalhar, buscar formas de trabalhar o conhecimento das pessoas por que todas pessoas elas tem conhecimento e elas sabem o que elas querem (...)” (Valquíria)
---	--	---

2 – Ausência de princípios solidários e de sua incorporação aos valores pessoais	Os aspectos da economia solidária não aparecem. Não existe referência ao outro. O outro aparece como aquele que auxilia fazendo doações.	“(…) que nós planta é pra isso mesmo, nós vende um pouquinho pra nós fora a parte, pra ir comprando nosso café, nosso pedacinho de carne, só pra isso mesmo e eu adora trabalhar lá na horta acho bom (...)” (Renata)
1 – Relações cooperativas	Capacidade do entrevistado não só de perceber, como de valorizar a decisão coletiva, o debate e as relações de cooperação como necessárias nas relações da cooperativa e fora dela.	“E eu prefiro grupos que estejam bem distante de qualquer tipo de desenvolvimento, qualquer tipo de informação ou formação que seja, que exista por ai, então eu gosto muito de chegar na comunidade e encontrar com jovens que não conheço e começar a perguntar pra eles sobre a vida deles, o que eles pensam sobre a vida, o que eles pensam dos problemas que eles vivem, como eles vêem. As soluções dos problemas deles, assim a parte deles como que eles conseguem visualizar o futuro deles, o sonhos pra vida deles. Então a ideia minha é um pouco trabalhar essa dimensão com as pessoas, as dimensões dos sonhos deles, e ai nessa dimensão dos sonhos vários componentes se incluem ai, a identidade, a ética, plano de vida, vida social, vida em sociedade, os conflitos que existe na sociedade, os interesses que existem dentro das sociedades, tudo isso entra nesse trabalho que tem quer ser discutido com eles.”

		(Dorival)
2 – Relações individuais	Marcada pela individualidade. A coletividade ocorre somente para sanar necessidades individuais.	“As regras de lá da horta, tem a chefe mesmo é essa baixinha aí, o que ela combina com nós, nós tem que combinar com ela. Mas aí já na horta, no canteiro de cada um ninguém dá ordem, pra pegar no canteiro dos outros, cada um só pega no seu mesmo.” (Renata)
1 – Futuro ético	Preocupação com o próprio futuro, assumindo como ator da própria vida e incluindo nas respostas elementos que nos permitem dizer de uma preocupação com os outros seres humanos, com a coletividade e com a ética nas relações.	“Eu penso em fazer um mestrado, quem sabe fazer um doutorado no futuro, não quero parar de estudar e trabalhar num ambiente que eu possa contribuir para os meus populares (...) o que importa pra mim é que as pessoas tem uma alternativa de sobrevivência dentro da economia solidária, e assim eu levo isso pra minha vida (...) O meu futuro é isso, eu quero contribuir, contribuir realmente pra isso no futuro.” (Antonio)
2 – Futuro incerto	Baixa perspectiva e esperança de futuro. Busca das necessidades básicas. Os relacionamentos quando aparecem referem-se a relações próximas ou familiares.	“Eu nunca deixei passar fome fui a luta né eu digo. Minha mãe dizia - dá minha filha (referindo-se a entregar a criança para adoção), - mãe, minha filha num é fie (filho) de cachorra não. Ta aí 22 anos, a outra com 20, uma com 19, a outra com 18 e o menino ta com 16, ta estudando, ta no segundo grau, em nome de Jesus, eu vou ate pagar um curso pra ele (...) quem sabe se ele né vai me ajudar mais tarde. Já ajuda aquele ali, - não vou ajudar minha mãe né, me ajudou né naquele curso que eu fiz.”(Maria)

Fonte: Elaboração a partir de resultados de pesquisa.

Nos resultados percebemos uma lógica que segue as entrevistas nos dois grupos apresentados. No caso do grupo qualificado como personalidade ética notamos que a percepção como alguém solidário surge das relações familiares e da maneira como foram criados em suas comunidades. Por exemplo, uma das entrevistadas diz que passou a frequentar as reuniões do sindicato

rural, em que seu pai era membro, desde criança, assumindo na adolescência a função de redigir as atas das reuniões, tendo crescido ouvindo sobre união, solidariedade e desenvolvimento dos agricultores rurais.

Talvez, por conta dessa origem esses entrevistados optaram por trabalhos e estudos que lhes permitissem retribuir as ajudas recebidas ao longo da vida. Os três foram trabalhar em instituições que valorizam as comunidades tradicionais, a agricultura familiar, o manejo adequado da natureza, a solidariedade e o respeito ao Homem. Dois membros de uma cooperativa que surgiu como um braço do movimento dos sem terra que vem tentando se firmar a partir de valores éticos, sem ceder espaço para os grandes investimentos em agronegócio, e funcionários de uma ONG que luta pelo fim do trabalho escravo e pela permanência dos posseiros na terra contra os grandes fazendeiros. O outro entrevistado, funcionário de outra ONG que incentiva a economia solidária entre jovens no extremo norte do estado do Tocantins, e opta por permanecer nesse trabalho apesar de ter formação e oportunidades para atuar como profissional do Direito. Ainda nas entrevistas desse grupo, percebemos que os valores da economia solidária foram incorporados em suas representações de si delineando relações sociais mais cooperativas e expectativa de futuro que incluem os outros como parte de seus planos, demonstrando um plano ético pautado pelo bem viver.

No outro grupo, o das Necessidades Absolutas, percebemos que, tanto a entrada no projeto de economia solidária, como a permanência e as escolhas na vida são pautadas por decisões que garantam as condições mínimas necessárias para a manutenção da vida. Entrevistamos sete pessoas, que se envolveram com a economia solidária porque foram convidadas a participar de projetos sociais que tinham como objetivo gerar renda e trabalho e diminuir a miséria. Um exemplo é uma entrevistada que entrou na horta comunitária, instalada pela freira da Pastoral da criança no bairro, convidada para ter como sus-

tentar seus quatro filhos. As falas dessas pessoas nos remetem constantemente ao saneamento da fome e de higiene, aparecendo para isso somente relações de ajuda para fim de resolver questões pessoais. Talvez por conta da precariedade sócio-econômica, não é perceptível relações cooperativas ou mesmo a introjeção de valores morais defendidos pela economia solidária. Com relação ao futuro, os entrevistados não conseguem desgarrar do presente, e em vários casos esperam que alguém de fora os venha ajudar, como um político.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das entrevistas nos conduziram por construir pares dicotômicos, chegando a dois grupos distintos de análises. Um cujos membros por suas características nos levam a classificá-los como tendo em seu perfil valores morais centrais, como o de respeito a vida, ao ser humano, de defesa do ambiente, da busca da saúde mental por meio de relações mais humanas e respeitadas, da luta pela autonomia e pelo direito de exercer a cidadania a partir das crenças e heranças locais. A esse primeiro grupo demos o nome de personalidade ética, que além de termos identificados a valorização dessas características, percebemos ainda que suas decisões na vida se pautam por tais princípios, definindo o que e como estudar e no que e como trabalhar. Esses mesmos elementos apareceram em seus planos futuros, apresentando esperanças com relação às melhorias das populações com as quais trabalham, especificamente as comunidades rurais.

Por outro lado, no segundo grupo, não conseguimos identificar tais características. Contudo não consideramos adequado falar em ausência de princípios, uma vez que lidamos com uma população extremamente fragilizada do ponto de vista econômico, social e emocional. Quando se entrevista populações tão sensíveis o que vem primeiro é a expressão da completa ausência de recursos de sustentação para a sobrevivência hu-

mana e talvez por conta disso em suas falas não apareçam referência aos outros, ao futuro e aos sonhos. A coletividade não é um valor central em suas personalidades, no entanto, a luta pela sobrevivência, a tentativa de trabalhar e conseguir recursos financeiros, mesmo que mínimos, permitem-nos pensar em pessoas que ainda optaram pelo bem e não pela busca de caminhos mais curtos, como o da criminalidade, também muito presente no bairro em que moram.

Esses resultados nos apontam para algumas questões importantes: a primeira refere-se a dificuldade de desenvolver outras características quando as necessidades básicas para sobrevivência estão ausentes; a segunda: óbvia, é que existe relação direta entre falta de qualificação e capacidade de gerar renda; nos três casos de personalidade ética, temos que ressaltar que esta não adveio do ambiente da economia solidária, parece-nos o contrário, que uma construção de vida pautada pelos elementos que permitam uma vida mais ética levaram essas pessoas a procurar relações econômicas e de trabalho que lhes garantissem manter suas personalidades afirmadas. Ou seja, na amostra que trabalhamos, não foi o ambiente da economia solidária que favoreceu a personalidade ética, mas a história de vida dos participantes é que levaram a buscar essa forma de trabalho.

Devemos ressaltar que, em revisão teórica, não encontramos trabalhos que tivessem a Psicologia Moral e do Desenvolvimento como bases de referências de pesquisas e que em poucos momentos a Psicologia do Desenvolvimento saiu das escolas e clínicas para se encontrar com grupos sociais. E que uma aproximação dos nossos resultados com outros, partem de áreas mais acostumadas com essas aproximações, como a Psicologia Social e do Trabalho próxima das discussões da Ecosol ou da Psicologia Moral e seus estudos nas escolas.

Assim podemos destacar o trabalho de Oliveira (2006), no Campo da Psicologia Social, estudou a cultura solidária desenvolvida por intermédio das práticas de duas cooperativas, de-

monstrando que, o ambiente das instituições, favorece o desenvolvimento do grupo, contudo não centrou seus estudos no desenvolvimento individual de cada um. Ainda podemos citar o trabalho de diversos autores (Tognetta, 2003, 2009; Vinha, 2009; Alencar et al, 2014), que investigaram como espaços democráticos são favoráveis, ao crescimento cognitivo e moral, porém todos centrados em estudos em escolas. Temos ainda trabalhos que trazem as discussões da Psicologia do Trabalho (GHIZONI, 2013) demonstrando que a Clínica do Trabalho é eficaz com o público da Ecosol e produz dispositivos subjetivos eficientes para o empoderamento do grupo e da pessoa.

Ainda, podemos citar discussões empíricas como as de Lourenço (1998) que através de cinco pesquisas com crianças demonstra que virtudes como generosidade são mais fruto de uma capacidade intelectual de ganhos e perdas do que de uma aquisição moral, e no contraponto, de La Taille (2006b) que demonstra que a generosidade participa da gênese do desenvolvimento moral.

Essas discussões teóricas/empíricas servem para dizer-nos que a Psicologia Moral, adentrou muito pouco ainda seus estudos no campo social e muito menos em grupos marginalizados socialmente. Ainda assim, possuem uma produção significativa tanto do ponto de vista teórico, possibilitando o alicerce de inúmeras pesquisas, como do ponto de vista empírico, demonstrando que relações sociais cooperativas são mais adequadas à educação escolar e propiciam ambientes favorecedores do desenvolvimento humano. Dessa maneira, tais discussões favorecem e permitem suporte ao trabalho de pesquisa realizado.

Do ponto de vista da análise do instrumento utilizado podemos pensar que: - nos oferece elementos de compreensão das motivações pelas quais as pessoas aderem ao movimento de economia solidária; e que também auxilia na análise da composição de verificação de uma personalidade ética, quando considerados elementos que avaliamos como característicos da “boa vida”, como: coletividade, cooperação, respeito mútuo, inclusão de si mesmo e dos outros nas perspecti-

vas de futuro.

A pesquisa permite verificar quais são os elementos morais característicos dos participantes da economia solidária e até traçar perfis que contribuem por um lado com os estudos na área específica da Psicologia Moral e por outro com elementos psicológicos capazes de fomentar as discussões acerca da educação cooperativista e em economia solidária, que até o momento não considerou esses fatores como sendo interveniente no processo de fomento a essa outra economia.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Heloisa Moulin de et al. **Educação em valores morais: juízos de profissionais no contexto escolar.** *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2014, vol.18, n.2 [cited 2015-07-10], pp. 255-264 .

ARAUJO, Paulo Roberto M. de. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BRASIL – SENAES. **Ministério do Trabalho. Secretaria Nacional de Economia Solidária.** Termo de referencia para o mapeamento da economia solidária e sistema nacional de informações em economia solidária. Brasília, 2004.

CANÇADO, Aiyton C. **Autogestão em Cooperativas Populares: os desafios da prática.** Dissertação de Mestrado apresentada a Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 2004.

COTERGOSO, Ana Lucia; CIA, Fabiana; LUCAS, Miguel Gambelli. **Economia solidária: o que é e como se relaciona com a Psicologia.** In: *Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas.* Ana Lucia Cortegoso (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

DEMO, Pedro. **Pobreza política: a pobreza mais intensa da pobreza brasileira.** Campinas: Armazém do Ipê (autores Associados), 2006.

GHIZONI, Liliam Deisy. **Clinica Psicodinâmica da Cooperação na Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis da Região Norte de Palmas – TO (ASCAMPA)**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LA TAILLE, Yves. **O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 15(1), pp.13-25, 2002.

LA TAILLE, Yves. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

LA TAILLE, Yves. **A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 19, n. 1, p.9-17, 2006b

LA TAILLE, Yves. **Moral e Ética: uma leitura psicológica**. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol26, n. especial. Instituto de Psicologia, UNB: 2010, pp.105-114.

LISBOA, Armando de M. **Economia Solidária e Autogestão: imprecisões e Limites**. In: Jornada Fundação de Economia e Estatística. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.fee.com.br/sitefee/download/jornadas/2/e10-01.pdf>, acessado em 07/01/2013.

LOURENÇO, Orlando. **Além de Piaget? Sim, mas devagar**. Lisboa: Ana. Psicologica, 1998.

NASCIMENTO, Claudio. **Autogestão: palavra e idéia**. In: Economia solidária e autogestão: encontros internacionais. São Paulo: NESOL – USP, ITCP – USP, 2007.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Cultura solidária em cooperativas: projetos coletivos de mudança de vida**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São

Paulo: Summus, 1932/1994.

PIAGET, Jean. **Las relaciones entre La inteligencia y La afectividad em El desarrollo Del niño**. In: DELAHANTY, G; PÉRRRES, J. **Piaget y el psicoanálisis**. México: Ed. Universidad Autónoma Metropolitana, 1953/1994.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SVARTMAN, Bernado Parodi; ESTEVES, Egeu Gómez; BARBOSA, Maria Alves; SCHMIDT, Virginia Luz. **Reflexões sobre as condições psicossociais do exercício da autogestão**. In: Psicologia e economia solidária: interfaces e perspectivas. Ana Lucia Cortegosos (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

QUEIROZ, Kelly Jessie M.; LIMA, Vanessa A. **Método Clínico Piagetiano nos Estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas**. In: Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. www.marilia.unesp.br/scheme. Vol.3, nº5, jan-jul/2010.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011a.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. São Paulo: É Realizações, 2011b.

TOGNETTA, Luciene R. P. **A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola**. Campinas: Editora Mercado de Letras/Fapesp, 2003.

TOGNETTA, Luciene R.P. **Perspectiva ética e generosidade**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

¹ Versão anterior apresentada no III Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas: Retrospectivas e Perspectivas. João Pessoa, Pb: Universidade Federal da Paraíba, entre os dias 17 a 20 de novembro de 2013.

² A pesquisa realizada teve a autorização dos participantes e foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP/São Paulo. Os nomes dos participantes que aparecem no trabalho são fictícios.

³ Expressão retirada de La Taille, 2002.

⁴ Informações verbais - entrevistas concedidas a autora em março de 2013.